

LIVROS

O HÓSPEDE DE JOB¹

de José Cardoso Pires

I

Em artigo anterior («Significado real e dimensões morais na obra de José Cardoso Pires») procurei fixar as linhas principais duma interpretação do conjunto das obras que José Cardoso Pires publicara até então; e declarei que, em meu entender, só dessa conjunção podia plenamente emergir o sentido que me parecia animá-las, uma vez que até mesmo a própria natureza de cada género literário sucessivamente adoptado — o conto, a novela, o ensaio, o teatro — limitava a possibilidade de cada uma das obras, por si só, o exprimir sinteticamente. E adiantei, nesse contexto, que talvez um romance pudesse fazê-lo.

Por razões técnicas o disse, e não por que tivesse conhecimento de que logo em seguida um romance viria a ser publicado — por isso que *O Hóspede de Job* estava anunciado, sim, mas há tantos anos que nada me levava a prever o seu aparecimento iminente.

Ei-lo, por fim. Situa-lo cronologicamente é, porém, difícil, dado que o autor nos conta, numa nota final, que ele fora «escrito, numa primeira versão, entre Março de 53 e Maio de 54», e que lhe foi «introduzindo até agora» «sucessivas cor-

recções». Qual a extensão dessas correcções, quais as variantes — de estilo, de urdidura, de composição — introduzidas, não o sabemos. Sabemos, e por hoje isso me basta, que este romance é um monstro dos excepcionais recursos actuais de José Cardoso Pires. Mencionemos alguns dos mais notáveis: segurança sabiamente tenteante; magnífico estilo, simultaneamente imaginativo e exacto, ao mesmo tempo saboroso e seco, lacónico mas expressivo; emoção filtrada pelo pudor ao sentimental; ironia deflacionista e, inversamente, valorização do elementar; poder critico subtil mas incessante; estruturação delineada com firmeza mas sem rigidez; simbologia de raiz realística, normalmente causal e nunca arbitrária; relevância da motivação, não sendo esta contudo linear; reflexão ao longo da narrativa, acompanhando a narrativa, formulada pela narrativa; deliberada identificação do autor com o leitor (e não demanda da empatia deste por aquele); desdobramento do tema em subtemas, seu cumulativo exame de vários ângulos.

Encontramos, felizmente, com certa frequência, algumas destas características na melhor ficção narrativa portuguesa moderna; agrupadas é que, infelizmente, já não são assim tão frequentes.

De propósito não aludi ainda a determinados traços definidores de um sentido geral que invoquei naquele meu citado longo estudo. Fá-lo-ei, abreviadamente, daqui a pouco; mas não quis deixar de começar por expressamente assinalar o quanto este romance afirma — ou, melhor, reafirma — o invulgar poder narrativo de José Cardoso Pires. Medite o leitor, ao findar a leitura de *O Hóspede de*

¹ Ed. Arcádia, Lisboa, 1964.



Job, em como esta obra corresponde à frase com que Ralph Ellison (num ensaio incluído na interessantíssima compilação de Granville Hicks acerca de *The Living Novel*) define o bom romance: «Todo e qualquer romance sério é, além das suas imediatas preocupações temáticas, uma discussão da sua arte, uma conquista da forma e um conflito com as suas dificuldades; uma perseguição das suas felicidades e da sua beleza.»

II

Abre o romance, prenunciadoramente, com a contraposição do movimento à imobilidade: o comboio cujo silvo significa a partida de Cercal Novo irrita e abate o cabo ferrador Trêz-Dezasseis, que ali se sente esquecido e só. Até ao fim do romance, havemos de encontrar várias espécies de movimento, de deslocação, de evolução, opondo-se a várias formas de imobilidade, de manutenção, de conservação. As primeiras espécies animam o Tio Aníbal, João Portela — ainda, ou principalmente, quando coxo —, a avó Marcelina, Angelina. As segundas formas caracterizam Cercal Novo e as realidades que este exprime e mantém.

De maneira complexa, a mobilidade e a imobilidade, por se referirem relativamente a um corpo social em movimento — a sociedade —, vêm reflectir pendularmente a permanência ou transitoriedade dos valores entre os quais oscila a axiologia das várias personagens típicas. Estamos de novo perante aquela inter-relação do tempo e do espaço a que, no artigo mencionado, me referi: a situação das pessoas corresponde à determinação e apreciação da sua posição, quanto à consciência e resolubilidade dos problemas, num dado momento histórico. Como a evolução social se opera de qualquer modo, os ocupantes serão, irónicamente, os menos permanentes («viajantes armados», «militares de passagem»); e os habitantes de Cimadas, para além das suas andanças, os menos transitórios

(eis que no fim reencontramos Floripes, o largo, o balde do poço que a longo prazo fora projectado consertar ou substituir).

A permanência é, quanto a mim, o principal fio condutor do romance; principal, mas subterrâneo na maior parte do livro no que respeita ao subenredo de Floripes, de sua avó, dos impassíveis aldeões — de Cimadas, numa palavra. Segundo subenredo, mais constantemente presente, é o da permanência no aspecto da subsistência: o Tio Aníbal, o João Portela, Angelina, a Tia Liberata e a garotada representam-no. Terceiro subenredo, mas o primeiro a surgir-nos, é o da falta de permanência, a provisoriedade acima assinalada, e que caricaturalmente o autor leva ao máximo na figura do capitão Gallagher e no que lhe sucede.

O primeiro e o segundo subenredos tocam-se, mas menos vezes do que se entrecruzam o segundo e o terceiro: é neste último entrecruzar que João Portela perde uma perna — e, lembrando-nos do título, é nele também que se situa a questão de Job e do seu hóspede. Esta questão mereceria detido exame, que por várias razões não posso realizar: não haverá realmente em todo o romance, bem vistas as coisas, uma dicotomia entre os hospedeiros e os hospedados? Tudo parte do ingénuo e idealístico conceito do Tio Aníbal de que seu filho era hóspede dos cidadãos civis, assim como os pais dos militares teriam sido, reciprocamente, «hóspedes dos batalhões»; Portela é Job (temos aqui, coxo, um símbolo equiparável ao cego de O Rendir dos Heróis): o hóspede é mais rico do que o hospedeiro; o capitão Gallagher está hospedado; mas o Tio Aníbal acaba por se mover no aquartelamento com o «à-vontade de um hóspede familiar». A hospedagem implica, em regra, transitoriedade; a ironia do romance consiste em focar o desnivelamento de condições, desfavorável ao hospedeiro, sob essa epígrafe geral.

Outra dicotomia saliente, que com a primeira se articula, é aquela entre os «guerreiros» e os «filhos de Deus» que

nos surge, por meio de uma descrição no espaço (como é norma em Cardoso Pires), entre o posto de observação e os campos do polígono. Nem são algumas das antigas «leis da razão» ideadas pelo Tio Aníbal que para mim atenuam a inevitabilidade dessa dicotomia: antes fico mais radicado na minha conclusão de que, na obra de Cardoso Pires, os velhos, ainda que humanamente dignos e inteiros como este rijo camponês, configuram um passado incapaz de compreender o presente.

Da distinção ou confusão das situações de objectos e pessoas resulta, porque elas não são gratuitas, o afloramento de posições éticas. De um equívoco numa conversação puramente técnica acerca da última guerra mundial — falava-se de uma peça de artilharia, e não de um oficial estrangeiro — nasce uma referência aos campos de concentração.

E seria também frutuosa, a respeito do simbólico valor das situações, a meditação duma frase que nos descreve o Tio Aníbal, à beira da estrada, acompanhando o mutilado João Portela de regresso a Cimadas: «E é como está: humilhado, à sombra do coxo (...)» (sublinhados meus). Semânticamente e filosoficamente muito haveria a dizer: concluamos (e outras vias, aliás, também vão dar a esta conclusão, conforme o meu artigo anterior) que a obra literária de José Cardoso Pires é incontrovertivelmente essencialista.

Creio por demais óbvia a presença de outros aspectos para insistir neles: imagens do mundo natural, deformação surreal, tipificação, recurso à hipótese, mistura do passado com o presente, previsão do futuro, concretização duma observação encurtando a distância entre o observador e o fenómeno, transição do vago ao preciso e do geral ao particular, reconhecimento de que a história é de «proveito e exemplo» e destinada «a ilustrar uma legenda, uma moral ou um clima humano» — tudo isso, ligado ao que acima ficou dito, encontrará com maior ou menor facilidade o leitor ao longo destas páginas que, na sua concisão, constituem

um dos mais ricos e escurritos romances da literatura portuguesa contemporânea.

Falei em concisão. Durante a leitura, não foi efectivamente só a frase de Ralph Ellison, transcrita acima, que me ocorreu. Lembrei-me também de algo escrito há duzentos e tal anos por Charles de Secondat: «Pour bien écrire, il faut sauter les idées intermédiaires». Bem escrever: e com esta expressão não queria por certo referir-se apenas ao aspecto técnico este Charles de Secondat, que não ficou conhecido somente — nem sequer propriamente — como artífice do estilo, e que usava o título de Barão de Montesquieu.

Fevereiro de 1964

JOSÉ PALLA E CARMO